

Bouquet de Angola

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 1880, 8 meses 1800, 4 meses 500, Brazil 2500 reis. — Número a avaliar no proprio dia 20 rs. — Pessado o dia 40 reis.

SUMMARY

Angéja (sua descripção) — N. e S.
O escriptor Francisco Travaços Valdez — S.
Noticiário.

Secção litteraria:

A minha mais pequenina (poesia) — Gomes

Leal.

Bolinas — A. Leão Martins.

Janéiro (poesia) — Jayme de Siqueira.

No Alentejo — Decadente e Irregular.

Mimi (poesia) — Gonçalves Grego.

No Alentejo da Seficaria Aurora do... (poesia) —

Permanente Oliveira.

Alagrima (poesia) — Ernêdo Pires.

Terra e luz (poesia) — Vidal Oudinet.

Três e três (poesia) — Almeida Fato.

Horas vagas — Narciso d'Albuquerque.

Le ch d'œuvre de Dieu (poesia) — Jean Re-

mond.

ANGEJA, 13 DE JULHO DE 1887

ANGEJA

(SUA DESCRIÇÃO)

Freguezia de 750 fogos com 3243 almas actualmente (1887).

Os seus habitantes são, na sua quasi totalidade lavradores activos, intelligentes, empreheidores, e muito laboriosos.

Entre elles ha sete dos quarenta maiores contribuintes prediaes do concelho.

Está situada na margem direita do Vouga, dez kilometros ao nascente d'Aveiro.

A povoação conta dez ruas, perfeitamente regulares, muito espaçosas e todas macadmalisadas.

A sua Egreja matriz, construida em 20 annos (desde 1593 a 1613 em que foi aberta ao culto publico) é um templo de tres naves, bastante elevado, elegante e muito espacoso.

A superflua da sua terrena mede approximadamente 31 hectares. Tem 2 cadeiras d'ensino primario. Foi villa e tem fozal dado por D. Manuel em 15 de Agosto de 1514. Tinha brazão d'armas — Em escudo branco, Nôda Senhora da Conceição sobre o porte d'um castello com uma torre de cada lado. — Era dos Condes de Villa Verde, depois Marquezes d'Angéja.

Em 21 de Janeiro de 1714 fez alvará D. João 5.º mercê do titulo de Marquez d'Angéja e D. Pedro Antonio de Noronha, Conde de Villa Verde, titulo, que acabou em D. João de Noronha Camões d'Albuquerque Souza Menez, 6.º marquez, morto sem successo em 23 de Junho de 1827. Por decreto de 24 de maio de 1870 restaurou o rei D. Luiz 1.º o titulo de marquez d'Angéja em D. Caetano d'Almeida e Noronha Portugal Camões d'Albuquerque Moniz e Souza, 3.º e Conde de Peniche e 20.º Senhor de Villa Verde.

O brasão da antiga casa d'Angéja, era: — Uma lisonja partida em pala, e esta esquarterada. No 1.º quartel,

as armas reais de Portugal com filete negro em contra banda; no 2.º, mantelado de prata, as armas reais de Castello, dois leões de púrpura babilhantes, e uma bordadura de ouro e veiros acúes, e assim os contrarios. Ainda existe, já muito arruinado, o grande e magestoso palacio do Marquez d'Angéja com seu brasão d'armas e suas pertencas, junto á outra praça municipal. Na mesma praça existe o aquiloteirinho.

Foi cabego do sul do concelho do seu nome com juiz de foz, e este com alçada nas out'ora Villa do Pinheiro da Bemposta, e na Villa do Pinheiro, hoje lugar pertencente á freguezia de S. João de Loure. Por decreto de 17 de julho de 1836, foi creado o julgado com juiz ordinario em Angéja, composto d'esta freguezia e das de Frossos, Femeida e Canellas, fazendo parte da comarca de Angéja. Por decreto de 24 de outubro de 1852 foi extinto o julgado d'Angéja, ficando esta freguezia e a de Frossos, a fazer parte do julgado de Albergaria Velha. E por decreto de 23 de dezembro de 1875 deixou Angéja de fazer parte do julgado de Albergaria e passou a ser circumscripção da praça d'Aveiro.

A povoação está muito bem situada e é muito saudavel, entre os seus edificios construidos todos de pedra e cal e não de tijolos, com o viz. s.ºr. Pinheiro Chagas, na sua direitura, e a maior parte de todos elles calçados de branco por dentro e por fóra. Os seus campos, banhados pelas aguas do Vouga, são extensos, retalhados com muita regularidade, e bem longe de prejudiciaes, favoraveis á hygiene publica.

Nas aguas, sempre limpidas e correntes, das suas valles, grotas e rios não somente rubiscos, como diz o sr. Pinheiro Chagas no seu actual dictionario, ha tambem trutas, tanchias, lampreias, sabeis, enguias, barbos, sôllhas, púmpões em tanta abundancia, que muitos dos pescutias da Marinha ali caçados á nua grande parte do anno a sua profissão.

A ponte da via ferrea do porte e a de Madeira na estrada a macilene d'Aveiro a Vizeu, ambas sobre o Vouga, estão nos limites d'esta freguezia.

A sua povoação é atravessada por aquella estrada d'Aveiro a Vizeu de nascente a poente, e pela distincta que liga Ovar, Estarreja e Agnela, de norte a sul, pelas suas ruas mais notaveis, cruzando ambas perto da Egreja matriz, na local mais central da mesma povoação.

Vê-se, pois, que tem Angéja bellissimos passeios para os quatro ventos: entre elles merece especial menção o tunel pela verdura dos alamos, eucaliptos, salgueiros, tamariz e outros variados arbores, na estrada d'Aveiro a Vizeu, na margem direita do Vouga, desde a ponte mencionada, até perto da out'ora praça municipal, na extensão de 3 kilometros approximadamente: tão noto-

ria é a belleza, a amenidade e encantos d'este tunel, que muitas pessoas não são das principaes cidades do paiz, mas até estrangeiros, o tem vindo expressamente ver e examinar, não regateando os juizes e merecidos favores para os filhos d'esta terra é um lugar o mais aprazivel de recreio e delicias na estação calmosa; para viajantes um refrigerio e para os povos das freguezias vizinhas um motivo d'investiga.

Tem o seu mercado mensal no dia 26: assás notorio pelas importantes transações nos gados suín e vacum, que ali concorrem em grande numero dos concelhos d'Illavo, Aveiro, Agnela, Albergaria, Estarreja, Oliveira d'Azeite, e Ovar.

Tem uma fabrica da chamada Louca d'Ovar, que exporta os seus artigos para muitos pontos do paiz não só pelas já mencionadas estradas, mas e principalmente, pelo rio Vouga.

Tem na estação propria um abundante deposito de sal importado pelo rio Vouga, d'onde se abastecem as freguezias do concelho d'Albergaria ao Nascente d'Angéja.

Tem botica muito bem fornecida, com seu pharmaceutico legalmente habilitado, consciencioso e attencioso.

Tem lojas de commercio, onde se encontram os artigos mais necessarios ao uso domestico: tem deposito de fruta portueza, e tem praça de pão, frutas e hortaliças nos dias santificados.

Tem finalmente tres elevados, bellas e encantadores pontos de vista — O Calvario ao sul da povoação onde se faz o mercado dos 26, ligado por uma estrada macadmalisada á d'Aveiro a Vizeu na extensão de 2 kilometros approximadamente. — O denominado Boa-Vista, ao Nascente e ainda dentro da povoação. — E o denominado da Alfiteira, ambos na estrada d'Aveiro a Vizeu, e este distante d'aquelle, num kilometro.

De qualquer d'estes tres locais, se avista por um modo tão encantador como surpreendente, o oceano atlantico com seu littoral e a bem notoria baia d'Alva ao nascente d'este, desde a barra d'Aveiro até Ovar, e os verdantes e extensos campos das freguezias da Vera Cruz, Estarreja, Gacia, e Eixo no concelho d'Aveiro; S. João de Loure, Frossos, e Angéja, no d'Albergaria; Femeida, Canellas, Salren, Maritosa, Velcos e Estarreja no concelho d'este nome. Nota-se que a arda da freguezia d'Angéja está situada e confina com a das mencionadas freguezias. E que Angéja além da sua matriz tem capellas publicas e oratorios particulares.

N. e S.

ANNUNCIOS E COMUNICADOS

Por linha 40. Respostas 20. Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os anrs. assignantes tem 50 por cento de abatimento.

O escriptor Francisco Travaços Valdez

A pretensão que o nosso collega e antigo escriptor publico, Francisco Travaços Valdez, submette á approvação da camara dos dignos deputados, merece ser resolvida satisfactoriamente, e nós assim o esperamos da parte dos illustres deputados, concedendo o seu *veredictum* em favor d'um homem que se arruinou em servicos publicos, longe do berço que o embalsou.

A sua pretensão, fmda-se, além de muitos outros feitos de elevado patriotismo, no seguinte:

« A libertação, para que concorreu, d'um palahute portueza, apreendido, como tantos outros navios, pelos cruzadores britannicos, contra o direito das gentes, contra os direitos da corôa portueza e com a mais manifesta contravenção do tratado entre Portugal e a Grã-Bretanha para acabar com o nefando commercio em carne humana.

Nos elogios, que lhe fez o governador geral da provincia d'Angéja, ao conceder a exoneração, que o supplicante obteve na administração do concelho central, por achar-se seriamente atacado das febres proprias do paiz.

A melhor prova de tudo isso encontrase em alguns numeros do *Bollettin Official*, publicado em Loupan, nos annos de 1852 e 1853.

Peiorando de saude, o supplicante obteve depois licença para vir tratar-se na patria.

E, em 1857, passou a servir (ainda como arbitro) na commissão mixta britannica e portueza do Cabo da Boa-Esperança.

Na secretaria d'estado dos negocios estrangeiros devem existir muitos documentos, que mostram, irreversivelmente, como o supplicante conseguiu, embora com grande custo, salvar mais dois navios portuezes, das garras dos aprezadores inglezes, os quaes, como de ordinario, haviam abusado completamente do que determina o tratado, contra a escravatura, celebrando entre Portugal e a Grã-Bretanha!

Com effeito, não satisfeitos, os captivos britannicos, como o apressaram injustamente aquelles embarcações, incendiarão e afundarão outras, em que tremolava a bandeira portueza, nas aguas mesmo de Moçambique!

Além d'isso, roubaram, ou deixaram roubar, não só os carregamentos, mas até os proprios tripulantes e passageiros, e o que é mais horivel ainda — desembracaram aquelles miseros compatriotas nossos, sem recursos alguns, n' terras desconhecidas, insalubres e habitadas por selvagens!

Denmais a mais, deviam os apressadores, segundo positivamente o determinava o almeido tratado, apresentar todos aquelles navios e todos aquelles homens, para serem julga-

dos pelo tribunal da commissão mixta britannica e portuguez, no Cabo da Boa-Esperança, perante a qual aliás, pelo contrario, procuravam, as-in, cavillosa e barbaemente, tanto esses captores inglezes, como os proprios juizes, seus compatriotas, fazer condemnar, a todo transe, os unicos dos navios e os unicos homens que approve aos nossos mais antigos e flois allianças levar até a cidade do Cabo.

Uma vez verificada a condemnacão, que tanto desejavam, das suas referidas embarcações portuguezas, os seus donos, os carregadores, os seguradores, os tripulantes e os passageiros das mesmas, periam, ipso facto, não só a LIBERDADE, para sempre, mas tambem a PROPRIEDADE, revertendo esta a favor dos apressadores, apoiados pelos membros britannicos da commissão mixta!

Depoendo-se, sempre, como elle empria, o honrado commissario portuguez, visconde de Duprat (que falleceu ha poucos mezes, em Londres, onde era consel. geral de Portugal), nos deslizes da vida, e ás opiniões e resoluções capciosas do commissario britannico, foi o supplicante, na conformidade do tratado entre Portugal e a Grã-Bretanha, eleito *arbitro de desamparo*, ou, assim, pois, *fallecido*, por maioria de votos dos respectivos juizes d'aquelle tribunal, sem appellação, nem aggravacão, CONDEMNADOS, por fim, os barbaros e desleaes apressadores inglezes a pagar uma avultada e justa indemnizacão, ao apressado, por perdas e danhos, que soffreram.

E, realmente, foi tão extraordinario, illegal e parcial o comportamento dos membros britannicos da commissão mixta no Cabo da Boa-Esperança, como se vê dos respectivos autos d'aquelles processos, que tanto o commissario portuguez, como o supplicante na sua qualidade d'arbitro, por parte de Portugal, foram, repetidas vezes, forçados a pedir a sua estigualdade, sem-hante procedimento, protestando energicamente e fazendo as devidas reclamações aos governos das duas partes contractantes, aos quaes enviava *opias autenticas* de tudo.

Desgracadamente, sendo assaz diminuto o ordenado do supplicante, demais a mais soffrendo descontos pelos adiantamentos, que havia recebido, conforme a lei, e, por outro lado, achando-se sobrecarregado da familia, viu-se impossibilitado de poder fazer face, na alta posição official que desempenhava, á, bombasabida, geral carestia immensa, de tudo, d'aquella colonia ingleza, e, em verdade, ao passo que o supplicante era onerado com o pagamento de *trez decimas*, ao thesouro de Portugal, foram, por *trez vezes*, consecutivamente, augmentados, pelo governo britannico, os ordenados do supplicante, até ao emprego mais conveniente e, como não recebesse a licença pedida, teve de retirar-se d'aquella colonia ingleza.

Envidou-se, por conseguinte, o supplicante, o que, pela legislação ingleza, o expunha a poder ser preso. Para evitar tal humilhação vergonha a si proprio, e, não sabe se diga, tambem á nação, que representava, pediu licença ao governo portuguez para sair do Cabo da Boa-Esperança, desejoso o supplicante de vir a Portugal requerer o outro emprego mais conveniente e, como não recebesse a licença pedida, teve de retirar-se d'aquella colonia ingleza.

Em face do exposto, que resumiamente traslucos do requerimento, é um dever da parte do nosso governo galardoado condignamente um

cidadão prestante, como o sr. Valdez, aproveitando o ensejo que agora elle mesmo offerece, attendendo á sua tão justa reclamación.

Não podemos esperar outra coisa do crello governo que felizmente occupa as cadeiras do poder e, por isso, cremos poder affirmar aquelle ex-funcionario, que hoje prova a injustiça do que ha annos está soffrendo, sendo attendido, cujo exemplo se torna necessario para annos outros funcionarios que em proveito do paiz e da honra nacional se vão expor em regiões longinquas, com perigo de saude e quasi sempre mal recompensados.

S.

NOTICIARIO

PREVENÇÃO.—Por motivo justificado, do numero immediado em dinste o nosso jornal passa a chamar-se «GAZETA D'ANGEJA».

Esperamos continuar a merecer a coadjuvacão dos nossos benfeitores assignantes, e da nossa parte enviaremos todos os esforços para corresponder-lhes.

Missa nova.—Domingo ultimo celebrou pela primeira vez missa em Cacia, o nosso amigo, sr. padre Jacintho Nunes Freire.

Ja tanto offerecido a amigos de sua familia, assistiram varias pessoas das mais importantes d'Aveiro.

Ao nosso amigo e sua familia, as nossas cordaes felicitações.

Imperador do Brazil.—Sua Magestade deve chegar amanhã a Lisboa a bordo do vapor *Gladiador*.

O illustre monarcha viaja incognito.

São camaráes do imperador, os viscondes de Carapibus.

Regresso.—Brevemente regressa á capital o sr. conde de Casal Ribeiro, ministro de Portugal em Madrid.

Chegada.—Chegarão a Lisboa vindos da ilha de S. Miguel, os srs. condes da Silva e dr. João de Andrade Albuquerque. S. ex.ª vem assistir ao casamento do seu proximo parente o sr. Duarte Borges da Gama Medeiros (Praia) com a sr.ª marquez de Fayal.

Partida.—Parte amanhã, no paquete *La Plata*, para o Rio de Janeiro, o nobre conde de S. Salvador de Mattosinhos.

Fallecimento.—Falleceu em Ponta Delgada, o conhecido naturalista, Francisco da Arruda Furtado.

Tanto em Portugal como no estrangeiro, foram apicadissimos os seus estudos de conchiliologia applicada e as suas notaveis investigações sobre a origem dos primeiros povoadores da ilha de S. Miguel.

Foi elle que, nos Açores, levantou pela primeira vez a questão da descendência do homem, segundo a applicação da theoria de Carlos Darwin, que algumas vezes o honrou, com animadoras palavras, como ainda ultimamente, o sabio dr. Gustavo Le Bon.

Cardoso Aveilino.—Partiu antehontem para a capital o sr. conselheiro Antonio Cardoso Aveilino, procurador geral da coroa e da fazenda, recebendo na carreira de Campanhã as despedidas dos srs. dr. Augusto Maria de Castro, procurador, regio

e seu secretario sr. dr. Ferreira Augusto; dr. Antonio Augusto de Sá Varal, secretario interino da procuradoria regia; juizes da Relação; drs. Castro Silva, Pinheiro Baptista e Marques da Paixão; dr. Carlos Machado, secretario do iremio, dr. Silva Lima, juiz do 1.º districto criminal; delegados da 2.ª e 3.ª vara, drs. Oliveira Guimarães e Paço Vieira; commissario geral de policia, dr. Adriano Assis; de Moraes Carvalho, dr. Luciano Simões de Carvalho, conselheiro do 2.º districto; Augusto Loureiro Simões de Carvalho, engenheiro director da construcção do caminho de ferro do Minho e Douro, Augusto Cesar Justino Teixeira, engenheiro director da exploração dos mesmos caminhos de ferro; dr. Antonio Cardoso e Silva, juiz do tribunal administrativo de Faro, dr. Pereira Moutas, dr. José Moreira da Fonseca, Sebastião Correia da Costa, director interino das cadeias da Relação e Manoel Vieira de Andrade, director da Companhia Utilidade Domestica.

Novos candieiros.—Corre como certo, que se comecou a fabricação de luz belza, que contracto o fornecimento do gaz do municipio de Lisboa em condições muito favoraveis, vai substituir os candieiros das ruas por outros mais luxuosos, sem incommoção d'Aveiro.

A companhia do gaz do Porto, que lance os olhos para esta sua collega, saindo da apathia em que ha muito se encontra, fornecendo o gaz a preços elevados, e, recebendo a companhia da obra o alagor dos condutores?

Noticias d'Aveiro.—Corre que a carne de vaca vale descer 40 reis em kilo desta cidade.

Hontem á noite, dois criminosos, que hontem antes tinham sido extraditados desta cidade, lançaram fogo ás enxergas, que foi promptamente apagado pelo carcereiro, um empregado da camara e soldados da guarda.

Na quinta-feira de manhã partirá para Anadia uma força de cavalaria 10 a acompanhar 5 presos, que se achavam detidos na cadeia desta cidade pelo crime de furto.

O m.º, o grande elemento, ainda não tem sido levado, continuando por isso a perturbar o trabalho. A pesca porém, nestes ultimos dias tem sido menos abundante, sendo os lanchos de menos valor — tambem porque a pesca nos tem sido avarinha extremamente, quasi sempre eschiaro m.º m.º. Os preços porém continuam a ser barattissimos, o que é um bem para os pobres — que agora se não podem queixar da careza das alimentações, que todas correm por aqui barattissimas.

Rubrica n.º um.—Diz um nosso collega, que havia em Peniche um juiz ordinario, que se chamava João Manoel Guisado, um «serviço João de Cacia Bello, e um sub-delegado Fulano de tal Coelho.

N.º um atto, que os tres tiveram de rubricar, sahio o seguinte: *Bello coelho guisado.*

Muito melhor de certo, do que a estorpa de n.º um.

a romaria do S. Bento das Peras.—Foi extraordinariamente concorrida a romaria do S. Bento das Peras, a uma legua do Porto, na linha do Minho.

De Campanhã em comboios successivos, partiram 7018 romeiros.

Galene se quantos iriam d'outras estações das linhas do Minho e Douro e a pé, e fez-se ha feita ideia da enorme multidão que se agglomerou n'aquella ribeira alda.

Deu-se lá bordado por uma pá velha, como não havia força armada, nem o regedor comparsessem

arregimentasse os seus cabos, durante mais de uma hora esturrimos os varapaus no ar, em uma baralha tremenda.

Um individuo, á falta de melhor tiro, em uma revolta, a uma pobre e doiseou enquanto não partiu o pa!

Os gatunos fizeram maravilhosas colheitas.

O serviço dos comboios foi regularissimo.

Profecias d'um louco.—Não vem fóra de proposito, estando o espirito publico tão sobrealçado com a decisão do jury do julgamento do afferes assassino Marinho da Cruz, a recordação do seguinte processo celebre, julgado ha 20 annos em Munich em que interviram os alienistas mais celebres d'essa epoca.

O réu era o conde Chorsinsky, accusado de ter envenenado sua esposa.

No decurso dos debates forenses os mais illustres alienistas da Alemanha affirmaram refoadamente que Chorsinsky não estava louco e que era por consequencia responsavel perante a lei do crime que se lhe imputava.

Porém o dr. Morel, director do Asylo de Saint Yvon, em Ronen, sustentava que o conde estava doido.

Interdito com as affirmativas do medico francez o presidente do tribunal francez, alienista da Alemanha, affirmou, pelo meos, o conde não deu o menor signal de alienação. Em que é que funda, pois, o seu prognostico?

Antes de responder o medico interpellado, pediu para ser retirado do sala do tribunal.

Feito isso acrescentou:

—Chorsinsky commetter os actos de que o accusais sob a influencia de preoccupações resultantes do seu amor doibido. Elenistas da Alemanha permitte-lhe alguns momentos de lucidez, mas está em caminho de ora catastrophe que se precipitaria, sendo condemnado, como lenocenos, a longos annos de carcere, e, em consequencia, a honra fustosa, antes d'um anno. Vejo nos seus labios, sr. presidente, um sorriso de incredulidade. Pois ficai sabendo que ninguém é senhor das suas faculdades mentaes.

Eu que, vos estive, interpellado, calculi que a atmosfera do hospital de que sou director me afeta tanto, que morrerei doente irremediavelmente, antes de trez annos. O men alvaresario e cottage de Berlim, que neza que Chorsinsky tinha já em embrio a loucura furiosa morrerá tambem d'um acesso de furia al um tempo antes de mim. E vós, sr. Presidente, tambem adquirireis no largo periodo d'estes debates sobre a loucura fustosa, a honra fustosa, que não queireis reconhecer no mundo.

Depois d'esta expositão, juizes e juraes ficaram convencidos de que no tribunal havia realmente um doido, mas que Chorsinsky era o medico do hospital de Saint-Yvon.

Chorsinsky foi condemnado e encarcerado em Iglstalt, onde um anno depois, em um ataque de loucura furiosa, despedaçou a cabeça contra as paredes do carcere.

Alguns mezes depois, o presidente do tribunal de Munich n.º um acesso de febre, despenhou-se duma janella do prelio em que vivia e despedaçou o craneo nas pedras da rua. Os doctores de Berlim, adversarios de Morel nesse processo celebre, enfocou-se na casa de saude de que era director. E por ultimo, em 1870, o dr. Morel, extraordinario e terrivelmente impressionado com os desastres de Berlim, advertiu em poucos dias fallecia victima do ataque que tinha previsto e annunciado. As profecias do louco todas se cumpriram á letra.

SECÇÃO LITTERARIA

A UMAS MÃOS PEQUENINHAS

Nem as pontas das espadas,
nem as terníveis clavinas,
abrem chagas mais rasgadas,
do que vós—mãos pequeninhas.

6' mãos terríveis, suaves,
como mãos d'imperatriz,
seis brancas como as aves,
também fazeis cicatrizes!

Porque é que as mãos dos tyrannos,
cheias de sangue e assassínias,
não me causam tantos danos,
como vós—mãos pequeninhas?

Solei vós, ó mãos eir de prata,
ó mãos da minha loucura!
que abris a chaga que mata
a chaga que não tem cura!

Como as da lady Macbeth
terribis, brancas, ferinas,
sois cruéis como estylo,
sois como ellas pequeninhas!

Sois brancas como as espumas,
rápidas como as das rainhas,
sois macias como as plumas
do peito das andorlinhas.

Sois macias e suaves
como o conchego dos ninhos,
cortis as cabeças das aves,
e as penas dos passarinhos.

Ah! Já que tendes a prova
de que sois luciferinas,
—trazei-me crocos á cora,
ó brancas mãos pequeninhas!

Lisboa, junho, 1882.

Gomes Leal.

ROLINDA

I

Rolinda tinha dezaseis annos.
Alegre como a alvorada, formosa
como a rosa do parque, era o enlevo
da sua querida mãe, a quem
adorava multissimamente.

E qual é o ente que não adora
sua mãe? — quem ha que a não
ame?

En creio que o coração mais fe-
rino, mais depravado, hã de amar sua
mãe, hã de sentir por ella um amor
sincero, um respeito profundo.

Rolinda era entenhadora!

Sorria-lhe o cêo nos labios; ca-
bellos louros eram laços d'ouro que
ondevam á morte do vento.

No rosto — rosas que desmaiam
em lyrios, na bocca—um riso suave e
perfumado.

Alguem que a visse dojejar
com uma creanga travessa pelas
luxuriantes varas da minha alleia,
innocente, rissonha, fresca, cheia de
vida, havia de sympathizar com ella.

Os rapazes do logar fitavam-na
constantemente e todos morriam
d'amores por ella.

Mãe Rolinda amava só um d'el-
les; para Carlos tinha um olhar
mais expressivo, mais demorado,
um sorriso mais alegre, e Carlos vi-
via feliz, possindoo o amor da don-
zella.

Amavam-se muito, passavam ho-
ras bem ditosas.

A felicidade, porém, nem sem-
pre dura, e Carlos, com bastante
pezar, disse-lhe um dia, que tinha
de ir sentar praça.

Separar-se d'ella, e Deus sabe se
para sempre.

Que desventura!

Verteram-se muitas lagrimas, fi-
zeram-se muitos juramentos.

Carlos desejava deixar-lhe uma
prezilha, por isso offereceu-lhe um
anel.

Queria tambem levar consigo
uma lembrança d'ella, contentava-se
com uma trança dos seus formosos
cabellos.

Isso é insignificante, respondeu
Rolinda.

—E' de muito valor para mim,
atthou Carlos. — Nunca me hei-
de separar d'ella, hade acompanhar-me
sempre, sempre...

II

Carlos partiu.
Rolinda ficou tristissima. Sentiu-
se angustiada pela partida do seu
Carlos.

De mais a mais ia ser soldado!
Quem sabe se elle por lá a es-
quecerá!

A mãe fallava-lhe em Carlos, con-
solava-a, gostava muito d'ella para
esposo da filha.

—Não vale a pena chorar tanto,
dizia a mãe, Carlos é bom rapaz,
hade amarte sempre. Além d'estas
palavras animadoras, Rolinda rece-
bia amodiadas cartas de Carlos, e
em todas fallava da trança. Estima-
va-a muito, tinha-a muito bem guar-
dada.

III

As horas a Rolinda pareciam se-
culos; Carlos estava a terminar a
vida militar.

O diavida sua chegada nunca terá
de esquecer a Rolinda.

Era ao cair da tarde, Não havia
um talho de terra em Telhado que
não estivesse coberto de relva e de
flores. Madresilvas pelos vallados, a
mirta florida, a rosa agreste pelos
prados, exhalavam uns aromas deli-
ciosos.

Rolinda contemplava um regato
que lhe recordava as horas felizes
que juncto de Carlos ali tinham pas-
sado.

A campina lembrava-lhe o findo
ramante que lá cortara para offere-
cer ao seu amante na occasiao em
que elle partiu para a occasiao em
praça.

As auras que suspiravam docen-
temente trazem-lhe lembranças
d'elle.

De repente ouve-se uma voz, cha-
mando:

—Rolinda, Rolinda!

Era Carlos.

IV

Não perturbemos a sua alegria.
Depois de trez annos de ausen-
cia, o leitor deve imaginar o que se
passou d'aquelle momento.

Um mez depois, Carlos e Rolinda
uniam-se pelos laços matrimoniaes.

Que dia tão feliz para os noivos!

*o Author é experimental, que julgou-o,
mas julgou-o quem não pôde experimental-o.*

Marco, 1885.

A. Leão Martins.

JANEIRO

Quando do nordeste frio,
—bafio que o Pêlo soprou,
e primeiro calafrio
passou

Sobre os membros inquietos,
dos troncos, mis esquelotos,
e sobre os espelhos tristes
dos lagos,

Trêmulo, atrevido do anil,
evoluiu-se plumeo bando,
buscando o tepido sul
buscando

um agasalho, um abrigo
centra o feroz inimigo

irmão da Morte e do Inferno
—o Inverno.

O triste poço emigrante
corria seu longo caminho.
Ficava lá bem distante
o ninho.

Do cem occulto entre brumas,
em milhões de finas plumas,
cae, sem cessar, brando e leve,
a Neve.

Al, pobretas! A noite
envolve o espaço alvaente.
O resaca estalar o apito
do vento.

Em breve, exhaustos, gelados,
um tombam no chão prostrados,
hirtos sob a neve atroz,
sem voz

Nunca mais verão as faces
dos doces sitios nataes!
Jamais gorgoleo o amor!
Jamais!

Outros procuram guarida
sob a rama cascaiosa
d'alguns troncos despojadoss.
Outrões!

Onde estão doces cantores
de vozes canções d'outora?
Folbes gentis trovadores
da aurora!

Na treva implacavel, densa,
cheios d'uma angustia immensa,
ouvem-se só sentidos
gemidos;

em quanto em focos d'espuma,
ministrando as espelha
a neve mais brava que uma
mortalha.

Jayme de Seguir.

NO ALBUM

(Do Ex.^{to} Sr.^{te} D. Camillo Ribeiro da Silva)

Votre vertu favorite? — La loyauté.

Vos qualités favorites chez l'homme? — La franchise.

Vos qualités favorites chez la femme? — La timidité.

Votre occupation favorite? — Le travail libre aux champs.

Le trait principal de votre caractère? — Le peu de retenue dans l'indignation.

Votre idée du bonheur? — Le bonheur est une ombre qu'on poursuist à tâtons dans les profondeurs de l'avenir.

Votre idée du malheur? — Je pense que c'est n'avoir point la force et le bon sens d'accepter la réalité de la vie.

Votre couleur et votre fleur favorites? — Toutes les couleurs et toutes les fleurs sont belles. Ce qu'il faut à celles-là c'est d'être bien assorties: ce qu'il faut à celles-ci c'est la rosée du matin.

Si vous n'étiez pas vous que voudriez-vous être? — Je connais un peu l'histoire des hommes célèbres, mais j'ignore ce qu'ils ont souffert et ce dont ils ont joui, sous son masque, dans le théâtre du monde. Je craindrai de faire quelque grosse sottise en choisissant pour ce pauvre moi une enveloppe autre que la mienne.

Où préférez-vous vivre? — Où je suis.

Vos auteurs favoris en prose? — Ceux qui m'apprennent quelque chose que j'ignorais avant de les avoir lus.

Vos poètes favoris? — Hélas! je ne lis plus les poètes.

Vos peintres et compositeurs favorites? — Dieu, qui a conquis les tabliers du lover et du coucher du soleil dans ce pays de collines, peuple d'arbres clairsemés, est aujourd'hui mon peintre: le rossignol qui chante au clair de la lune, par une

nuit de printemps, perché sur le peuplier gémissant, et penché sur le ruisseau qui murmure, est mon seul musicien. J'ai, cependant, aimé bien Martin, peintre de l'espace, et Bellini, qu'on disait un compositeur peu savant.

Vos héros favoris dans la vie réelle (l'Histoire)? — Je n'aime pas les héros.

Vos héroïnes favorites dans la vie réelle (l'Histoire)? — Ne les héroïnes non plus.

Vos héros favoris dans les romans ou la fable?

Vos héroïnes favorites dans les romans ou la fable? Dans les romans, les héros et les héroïnes me plaisent quand il y a du terrible ou du profond dans les caractères. Ce sont des cauchemars écrits au lieu des cauchemars rêvés. Se cauchemars donne quelque fois ce que j'appelle le plaisir de l'horreur, ce qui a pour moi de l'attrait.

Votre nourriture et votre boisson favorites? — Les beefsteaks, de l'eau rouge et des fruits.

Vos noms favoris? — En général tous me sont égaux. J'ai cependant un préjugé. Il y a des noms, que, par une espèce de prévoyance instinctive, on impose qu'à des sois.

L'objet de votre plus grande aversion? — Parmi les hommes, l'hypercrite; parmi les animaux, le reptile. Tout cela est visqueux.

Quels caractères detestez-vous le plus dans l'histoire? — Les tyrans. Je crois, cependant, que je deteste un peu plus les faux amis du peuple.

Quelle est votre situation d'esprit actuelle? — C'est trop long pour me en direz rien.

Pour quelle faute avez-vous le plus d'indulgence? — Pour les fautes de grammaire dans les pays où il n'y a ni assez d'écoles, ni de bonnes écoles.

Quelle est votre devise favorite? — Peut qui vent. Tout le monde desire: seuls les grands caractères veinent.

Val-de Lobos, le 28 novembre 1871.

Un campagnard de la baulieu de Saintern.

(Alexandre Herculanio).

MIMI

Borcedo a minha alma se a tardinha
Ns janella divino eua innocente;
Que nunca vi olhar mais transparente,
Nem figura gentil como a minha!

Desce ás vezes a timida avecinha
Ao seu jardim, e affaga docemente
A Oculeira, e a minha flor de cantho,
Que em seu regaço languido se aninha.

Agüta ao varão, o seu vestido curto,
E as loucas tranças coccando a furto,
Fita os olhos no anil toda trizista.

E n'esse tempo accende a lembrança
O lá ter visto assim uma creanga
N'uma gravura idia da eschola ingleza.

Gonçalves Crespo.

No album da Señorita Aurora de...

AURORA

Vaes deixar-nos, anoutece;
mas até que voltes, hade
triste o luar da saudade
gemer: «Aurora amanece».

En, por mim, Aurora, quando
despontas á minha vista,
chege a crêr que tenho crista,
e bato as azas cantando.

Espinho, setembro, 1880.

Fernando Caldeira.

A lagrima

A MINHA FILHA SILVINA

A lagrima é a prece emudecida
Que o coração envia aos olhos pulchros,
A lagrima vigora nos sepulchros,
A haste da saudade emmurchecida.

A lagrima consola a ardente magoa
Que o peito cruelmente nos opprime,
A lagrima é o bálsamo do crime,
Uma formosa estrela feita d'agua.

A lagrima é um bem que nos consola,
A lagrima é talvez, que sabe? a emoção,
Cheia d'umprô, d'amor e d'alegria.

Que Deus conceda ás almas desgraçadas
Imundas, pois, meu rosto, abençoadas,
O lagrimas que Deus do cou me envia!

Eneselo Pires.

TREA' E LUZ

A. M. A.

Olhei o céu silenciosamente,
Manto d'ani, manto sublime e puro...
E comêdo a raiar tranquillamente,
Uma por uma as tiras do futuro...

E procurei na treva arida e fria
Do meu futuro triste e doloroso,
A luz immaculada d'alegria
A espargir um raião silencioso...

Nada encontrei... E fui riasando mais
Muito sonubro, sceptico e nervoso.
E procurei nas trevas e sombras
Do meu futuro, um ponto luminoso.

Mas debalde... Muito sonubro e seguro
Ruguei a tua unica, cangado!!!

Vi encher-se de luz o meu futuro
Com esse teu olhar immaculado.

Porto—1887.

Vidal Oudiz.

TRIOLETS

VII

Tão airoso, deoclambrante
O teu porte, tão gentil,
O teu olhar scintillante,
Tão airoso, deoclambrante
Como uma noute d'Abril,
Seductora, inebriante
Tão airoso, deoclambrante
O teu porte, tão gentil.

LE CHEF D'OEUVRE DE DIEU

Quand il eût tout créé : cioux clairs, oiseaux siffleurs,
Arbres chantants, soleils riens, dolentes ondes,
Quand, du bout de son doigt, il eût brodé les fleurs,
Et du bout de son pied donné le braule aux mondes.

Dieu fit l'Homme et, voulant lui montrer l'univers,
Prit sa chetive main dans sa main grandiose,
Puis l'emmena par les champs blonds, par les bois verts,
Comme un grand aêlê doux menant un enfant roze.

Or l'Homme vit sandain, dans le matin joyeux,
Des roses au calice étincelant de gouttes,
Oh ! si chères au cœur ! Oh ! si chères aux yeux
Qu'on eût voulu mourir en les embrassant toutes !

« Oh ! comme c'est joli ! dit-il, joignant les mains
Et, tombant à genoux, comme un enfant qui n'ose,
L'Homme, pour s'embrûmer le long des noirs chemins
Mit ses doigts dans les fleurs et cueillit une roze.

Pais Dieu l'emmena loin, parmi les monts géants,
Et lui montra la neige, à leurs pics fantasques,
Si blanche ! que les yeux de dilataient, béants,
Comme ivres de lumière et de splendeurs mystiques.

« Oh ! comme c'est joli ! dit l'Homme radieux.
Et, voyant s'écrouler une grande avalanche,
Pour s'égarer en route et se charmer les yeux,
Il prit sur la montagne un peu de neige blanche.

VIII

Como se pode, nem sei.
Amare-nos uma virgem tanto,
Oh anjo que idealisai,
Como se pode, nem sei.
E o amor tão casto e santo
Aquelle que te deliqui.
Que não se pode, bom sei.
Amare-nos uma virgem tanto!

XIX

Oh virgem qui en hei cantado
Como as ternas avessilhus
Ohtam o seu bem-amado...
Oh! virgem que en hei cantado
Com todas as forças minhas
Assim n'um ruído brando
Te tenho oh virgem cantado
Como as ternas avessilhus.

XX

Crês men anjo no amor
Que estas pobres «triolets»
Te revelam, minha flor?
Crês men anjo no amor,
Crês oh! virgem, não erês?
Não queiras largar-me à dor...
Crês men anjo no amor
D'estes pobres «triolets»? —

FIM.

Almeida Pinto.

HORAS VAGAS

LOGOGRIPHO

(Ao sr. José Chrysostomo)

Mulher! esse serpe que te ligou, e a tua vida, e a tua vida,
que sempre desmorona a tua virgem boca,
embebedeira do peito, alegre como uma ave
quando voa no campo, ancoas, fúria, louca.

E' este enervamento infâmico do minifim,
enfino e orso no antichimico dos seus 142,49
como enorme paixão melancólica e calma
levada pelo fogo ampolo de seus olhos.

Eu bem, quizeram por te desmoroar, e a tua vida,
trancando as espiras do sonho e d'alegria!
Mas teu coração vem rir-se doadamente,
como um doloê hydrolico em faixas d'ironia...

Estão, nem sem, e a tua vida, e a tua vida,
seu olympico formoso, acorda si em d'ironia,
se ideal immenso, oceânico, profundo
banhado do luar choroso dos amores!

Porto. Narciso d'Albuquerque.

Et puis, Dieu l'emmenant dans le ciel, tout d'un trait,
Sui montra des vols blancs d'étoiles immortelles.
Si douces ! qu'il bas, toujours, l'âme voudrait
Vertigineusement prendre l'essor vers elles !

« Oh ! comme c'est joli ! dit-il, les bras tendues.
Et, pour illuminer ses nuits aux sombres voiles,
L'Homme, enlevé sur Dieu, par grands bonds éperdus,
Escalada le ciel et lui prit deux étoiles.

Or, comme il était las d'avoir tant cheminé,
L'Homme qui revenait vers la terre morose,
S'endormait dans un pli de l'azur satiné,
Ayant à ses côtés étoiles, neige et roze.

Et le bon Dieu voyant que l'Homme à son reveil,
Vit en un seul objet ses choses mirifiques :
Niç aux purs blancs, blancs, roze à l'éclat vermeil,
Étoiles aux rayons doux et beatifiques ;

Voulant qu'il fût heureux, voulant qu'il fût joyeux,
Voulant qu'il n'eût plus rien à désirer au monde,
Qu'il ne regretta plus les anges ni les cioux,
Mais qu'il vécût vibrant dans l'extase profonde,

Dien prit étoiles, neige et roze en ses doigts saints,
Et, relevant un chef d'oeuvre avec ce contrat,
Fit de la roze un front, de la neige deux seins,
Des étoiles deux yeux, et du tout une Femme.

Jean Rameau.

ANNUNCIOS

FORNECIMENTO

NA secretária da "procuradoria régia junto da Relação do Porto, rua do Coronel Pêcheco n.º 10, reside-se, em 21 de maio próximo, para a proposta para fornecimento de 100 pares de calças, 100 jaquetas e 100 camisas para homens, 50 saias, 50 jalecos de baeta e 50 camisas para mulheres, para os presos indigentes da prisão da Relação do Porto, conforme os padrões existentes na secretária da mesma prisão, devendo o metal de estes objectos ser fornecidos dentro do prazo de 30 dias e a outra metade dentro de 60, a contar da adjudicação. Os que pretenderem fornecer estes objectos deverão dirigir as suas propostas em carta fechada ao ex.º procurador régio junto da Relação do Porto, sem designação exterior do nome do fornecedor. As propostas serão abertas pelo mesmo

ex.º procurador régio, ás 12 horas da manhã d'aquelle dia, no seu gabinete na referida secretária, e em seguida abrir-se-á o concurso publico para que os interessados possam fazer em acto de licitação, novas propostas, afim de ser adjudicado o fornecimento a quem o fizer em condições mais vantajosas.

Para ser admitido ao concurso é necessário offerecer fiador idoneo, que se responsabilise pela execução do contrato no prazo acima fixado, pela exactidão na qualidade das fazendas escolhidas, perfeição na feitura dos objectos fornecidos e pela indemnização resultante da differença que houver entre o preço da adjudicação e do novo contrato, a que seja mister proceder, no caso de falta de cumprimento integral d'este contrato.

Porto e secretária da procuradoria régia, 2 de julho de 1887.

O secretário interino,
Antonio Augusto de Sá Varella.

VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C^o

UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barboi, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.
Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.
José Martins Tibello, rua do Almada, 230.
Evangelista José da Silva, rua do Bonfim, 380.

Recommenda-se com especialidade as marcas FLATTING e CRYSTAL tanto de primeira como de segunda qualidade.



E' já bem conhecida a superioridade d'estes vernizes. Não os mostra a quem as pedir

PREÇOS

Verniz Flatting, de 1.ª qualidade, galão, 28200 reis; — de 2.ª, 16800 reis.
Verniz Crystal, de 1.ª qualidade, galão, 26200 reis; — de 2.ª, 26000 reis.

Desconto para revender.

IMPRESSA REAL—Praça de Santa Theresza, 43, 44 e 45—PORTO.